

SARAH HENNING

A
BRUXA
do
MIAR

Antes de roubar
a voz de uma sereia,
ela entregou seu coração

 Harper
Collins

SARAH HENNING

A
BRUXA
do
MIAR

TRADUÇÃO
PAULA DI CARVALHO
ANA RODRIGUES



Rio de Janeiro, 2019

Copyright © 2018 por HarperCollins Publishers
Título original: *Sea Witch*
All rights reserved.

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*
Gerente editorial: *Alice Mello*
Editor: *Ulisses Teixeira*
Copidesque: *Thaís Carvas*
Preparação de original: *Marcela Ramos*
Revisão: *Juarez Matias*
Arte de capa: *Anna Dittmann*
Design de capa original: *Heather Daugherty*
Adaptação de capa: *Guilherme Peres*
Diagramação: *Abreu's System*
Produção do eBook: *Ranna Studio*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H445b

Henning, Sarah

A bruxa do mar / Sarah Henning ; tradução Paula Di Carvalho ,
Ana Rodrigues. – 1. ed. - Rio de Janeiro : Harper Collins, 2019.
288 p.

Tradução de: *Sea witch*

ISBN 9788595086449

1. Ficção americana. I. Carvalho, Paula Di. II. Rodrigues, Ana. III.
Título.

19-57065

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br



Para Nate e Amalia —
os únicos barcos no meu mar.

E para Justin —
*da próxima vez vai ter
mais perseguições de carro.*



Tenho espuma marinha nas veias, entendo a língua das ondas.

— Jean Cocteau, *O testamento de Orfeu*

SUMÁRIO

Prólogo

1

2

3

4

Quatro anos antes

5

6

7

Quatro anos antes

8

9

10

11

12

13

14

Quatro anos antes

15

16

Quatro anos antes

17

18

Quatro anos antes

19

20

Quatro anos antes

21

22

Quatro anos antes

23

Quatro anos antes

24

25

Três anos e meio antes

26

Sete dias antes

27

Seis dias antes

28

Quatro dias antes

29

Quatro dias antes

30

Na superfície

31

Embaixo da superfície

Epílogo — cinquenta anos depois

Agradecimentos

Sobre a autora



PRÓLOGO

Dois pequenos pares de botas ecoavam nos paralelepípedos à tarde — um apressado, o outro tropeçando e escorregando. Uma menina loira de no máximo 5 anos arrastava outra de cabelos negros, alguns centímetros mais alta e um ano mais velha, pela rua da praia em direção a um pequeno chalé.

Os pulmões da menina de cabelos escuros espasmavam, fracassando a cada inalação.

Estava se afogando em terra seca.

Quando avistaram a casa, a loira fez menção de gritar por ajuda, mas, antes que emitisse qualquer som, a mãe da outra menina escancarou a porta e foi correndo até elas. Era como se soubesse o que tinha acontecido; parecia sempre saber o que as duas tinham feito.

— Evie! — gritou a mulher, apertando a filha junto ao peito e voltando depressa para o chalé.

Então se dirigiu à menininha loira, que arfava depois de carregar a amiga por tanto tempo.

— Anna, vá buscar o médico da realeza...

— Mas...

— Vá!

A menina não contestou de novo, e as pequenas botas estalaram mais uma vez no paralelepípedo ao recobrar a velocidade.

Quando a mãe bateu a porta do chalé ao entrar, a menina de cabelos negros soube que o remédio do médico não adiantaria.

Apenas uma coisa seria capaz de curá-la.

— Gianni! — chamou a mãe.

O pai da menina colocou a cabeça para fora do quarto, seu rosto abatido pelo sono que lhe foi negado na última expedição de caça às baleias.

— Evie... O quê?

— Uma costela quebrada. Talvez um pulmão fraturado.

A mãe deitou a menina na cama e rasgou o corpete dela até o umbigo. Um coágulo de sangue manchava toda a extensão das costelas, fissuras como teias de aranha atravessadas da coluna até o esterno. A mulher tentou ler os olhos escuros da filha.

— O que aconteceu?

A menina umedeceu os lábios antes de inalar um pouco de ar, o suficiente para responder:

— Eu salvei Nik.

Era verdade. E a garota estava orgulhosa. Ousou sorrir apesar da dor.

Eles haviam passado a manhã juntos — a menina loira, a de cabelos negros e o menino —, correndo pelas ondas, escalando pedras, dançando na areia. Então chegou a tarde, e era hora de se separarem. O menino de volta ao seu castelo, e as menininhas para casa; a mais nova para sua mansão dez vezes maior do que o minúsculo chalé da mais velha.

Arteiros e queimados de sol, em protesto, os três fugiram, o menino guiando o caminho, segurando a mão das meninas enquanto corria pela trilha que levava à

enseada. Deram risadinhas e gritinhos ao pular de pedra em pedra, a guardiã do menino os repreendendo da praia.

No entanto, uma das pedras estava lisa, cheia de musgo. O menino escorregou e caiu com a nuca na direção em uma pedra pontuda.

Em um piscar de olhos, a menininha fez sua escolha.

Ela se jogou embaixo dele. Suas costas se chocaram com a ponta irregular da pedra com um estalo alto. Sua cabeça foi para trás, escapando por um fio de bater também. Bem no momento em que ela caiu, a cabeça do menino atingiu o algodão embolotado do seu corpete no lugar da pedra.

Foi por um toque de mágica que ela chegou a tempo.

Então eles foram pegos. A guardiã do menino os arrastou de volta à praia e disse, num tom severo, que nunca mais fizessem aquilo. Depois a senhora o levou embora sem dar tchau, deixando as meninas na areia.

No caminho de casa, a menininha de cabelos negros cambaleou; a adrenalina estava passando, e a dor, começando. Irradiava pelas costas, ao redor da caixa torácica, até a frente do vestido. A menina perdeu o fôlego, suas inalações ficaram curtas. A garotinha loira disse que acompanharia a amiga até a casa dela, mas, ao chegarem à rua da praia, a de cabelos negros não aguentava mais ficar de pé, depositando todo o peso nos ombros da outra.

— Ah, Evie... — disse a mãe, como se tivesse visto a cena.

Na mesma hora, mandou que o marido buscasse suas garrafas. Suas tintas. Não aquela. Essa. Acendeu a lareira com um estalar de dedos.

Então tentou todos os feitiços de cura que conhecia.

Em questão de segundos soube que nenhum funcionaria. A respiração da menina enfraquecera até se reduzir a quase nada.

A mãe chorou, desejando a presença da irmã, a bruxa mais forte. Curandeira dos Reis, ressuscitando os poderosos que faziam vista grossa para a magia quando suas vidas dependiam disso para depois expulsá-la quando não precisavam mais dela. Era por causa da irmã que o médico talvez atendesse ao chamado; embora fosse chegar tarde demais. Assim como ela mesma, Hansa, que estava a um dia de distância, curando outro nobre.

O pai da menina apertou o ombro da esposa e limpou suas lágrimas. Então segurou a mão da filha, já fria pela falta de circulação.

— Vou buscar o padre...

— Ainda não — disse a mãe, a voz ecoando determinação.

À beira da cama, ela empertigou os ombros, a voz calma e direta.

— Tem mais um feitiço que posso tentar.

Com delicadeza nos dedos, passou tinta de polvo nas bochechas da menininha, descendo pelo pescoço e pelo peito. Então descansou as mãos com leveza no tórax da filha.

— Não se preocupe, Evie.

As palavras ditas a seguir eram antigas e sombrias. Embora a menininha não tivesse entendido o que ouviu, seu sangue estalou como o fogo que queimava do outro lado do cômodo. Aquelas palavras roubaram o ar do chalé. Fizeram a mulher tremer violentamente em contato com a pele da filha.

A menininha não podia fazer nada além de observar, as veias zumbindo. Em pouco tempo, as palmas da mão de sua mãe ficaram mais do que úmidas. E começaram a queimar.

Então a dor parou. Os pulmões da menininha se encheram de ar, e o peito inflou. Ela exalou, um movimento longo e profundo.

Ao ver isso, a mãe sorriu... Por apenas um momento antes do seu corpo começar a convulsionar, e seus olhos revirarem para trás.

Foi muito forte. O peito da mãe se comprimiu, expelindo um longo golpe de ar... mas em seguida não voltou a respirar.

— Greta! Greta!

O homem tocou o rosto da esposa. Porém, suas mãos voaram para longe, queimando, subitamente vermelhas.

O formigamento no sangue da menininha se intensificou de medo. Ela tentou, com muito esforço, se sentar, mas as mãos da mãe deslizavam, levadas para longe pelo corpo que caía, o rosto pálido desabando no lençol. Sem hesitar, a menininha tentou pegar as poções da mãe. Virou o rosto dela para cima antes de espalhar tinta nas bochechas pálidas, os dedinhos formigando ao toque. Sua própria pele estava rosada e cálida, cheia de vida enquanto a da mãe se tornava branca como neve e quente como brasa.

No entanto, a menina era esperta. Já assistira à mãe muitas vezes. Sabia como esses feitiços funcionavam. Magia era troca; as palavras, ações e poções certas trariam o resultado certo.

Ela tocou o rosto da mãe e começou a repetir aquelas palavras estranhas.

Palavras de vida.

— Evelyn, não!

Seu pai não se mexeu, apenas gritou, paralisado de medo ao pé da cama.

Só que a menininha já havia tropeçado pelas palavras com tamanha precisão que sentiu a pele esquentar. A dor retornou. A respiração ficou entrecortada. Então os olhos da mãe se abriram de repente, revelando o belo castanho no lugar do branco.

Estava funcionando.

O pai olhava para a esposa e, em seguida, para a filha. Aquelas palavras eram sombrias. Antigas. Poderosas. Ele sabia disso tanto quanto sabia sua língua nativa.

Os lábios da mãe começaram a se mexer. Ela respirou fundo.

— Gefa!

Com esse único comando, roubou as palavras da boca da filha. Palavras negras e magia negra, e todos os sons foram extintos da poderosa língua da menina.

Ainda assim, a criança continuou, ofegante; gritava, mas ninguém a escutava. Lágrimas escuras como a noite escorreram por suas bochechinhas. Com a visão enegrecida, a menina começou a soltar um gemido silencioso, o corpo inteiro tremendo.

E, com o último fio de energia, a mãe olhou para o pai e falou:

— *Traga Hansa para casa. Conte para ela. Prometa.*

Enquanto ele assentia, a mãe sussurrou um último feitiço, e o grito da menininha encheu o ar, lágrimas pretas pingando no vestido arruinado.

— *Não, mamãe, não!*

Ela segurou as mãos da mãe, ainda queimando, e viu a luz deixar seus olhos castanhos.



O mar é uma bruxa caprichosa.

É tão capaz de presentear com um beijo quanto de roubar o ar dos lábios. Linda e cruel, e todas as rugas cintilantes entre um e outro. Enche nossa barriga e nosso cofre quando generosa. Observa friamente vestirmos preto e despejarmos lágrimas às suas águas quando perversa.

Apenas a maré segue seu humor; dando e tomando na mesma medida salgada.

Ainda assim, é mais do que nossa bruxa; é nossa rainha.

Em todos os seus feitiços e acessos de raiva, ela é uma de nós. A joia da coroa de Havnestad, aninhada no nosso litoral; para o que der e vier.

Nesta noite, vestida em seu melhor traje de festa, ela parece calma, com a raiva escondida sob a superfície brilhante. Ainda assim, há uma energia no ar enquanto as estrelas piscam com a chegada do solstício de verão e a iminência do 16º aniversário de Nik.

Formalmente, o príncipe herdeiro Asger Niklas Bryniulf Øldenbug III, primeiro na linha de sucessão ao trono do reino soberano de Havnestad.

Informalmente, Nik.

Mas “Nik” não está lá muito certo também. Ele não é só uma coisa para mim. Ele é meu melhor amigo. Meu único amigo, na verdade.

E no momento está dançando com Malvina no convés do grande navio a vapor do seu pai. Se é que podemos chamar de dança os empurrões e os giros violentos da garota. Sinto o estômago revirar quando Nik fica a centímetros de cair pela balastrada depois que ela se entusiasma demais em uma voltinha. Queria que ela simplesmente desistisse.

Malvina, formalmente conhecida como *komtesse* Malvina Christensen, é uma pretendente real perpétua. Ela e o pai vêm tentando atrair atenção do rei Asger há anos, torcendo que ele arranje o matrimônio. No entanto, apesar da paciência bondosa de Nik com sua dança, tenho minhas dúvidas de que haja um casamento real no futuro dos dois.

Quero desviar o olhar do borrão de seda rosa que é Malvina, mas os olhos de Nik me imploram para salvá-lo. Clamam. Chamam silenciosamente meu nome à distância: *Evvvvvvieee*.

Sou a única capaz disso. Toda a juventude da cidade está presente, só que mais ninguém pode interromper a dança de uma garota como Malvina. Para os outros, haveria consequências: convites perdidos para festas de gala, o cavalo mais velho na caçada do fim de semana, um lugar na mesa de um bisavô e não na de uma *komtesse*. Para mim, não há nenhum desses riscos. É impossível perder prestígio na sociedade quando não se faz parte dela.

Depois de outro giro agressivo, finalmente adentro a pista de dança improvisada, ignorando uma onda de caras feias; todo mundo já viu essa cena antes. Malvina vai ser a vítima, eu vou ser a vilã, e Nik vai deixar tudo acontecer. Pode ser uma tarefa complicada a de confidente do príncipe herdeiro; aguentar pequenas humilhações é apenas uma fração do custo. Mas não vou me desculpar por ajudá-lo. Todos fazemos concessões em amizades, e ter a lealdade de Nik quando mais ninguém me olha nos olhos compensa por todo o julgamento que recebo.

Eu cutuco um dos ombros fortes da garota, faço uma cara exagerada de pânico e aponto para a monstruosidade de oito camadas com cobertura massuda de açúcar azul que ela insiste em fazer.

— Ah, céus, Evie! O que foi? — grita Malvina.

— A cobertura do bolo...

— *Fondant* — corrige, como se eu tivesse cuspidido na lápide da *oma* dela.

— O *fondant*... está estufando.

Pânico real colore o rosto dela enquanto seus pés se recusam a se mover. Dividida entre dançar com Nik e resgatar sua obra de arte de um destino bulboso, seu olhar salta para o meu rosto por um momento, incrédulo. Ela teme que eu tenha roubado sua vez de propósito. É o tipo de coisa que as garotas de Havnestad pensam que eu faria; o tipo de coisa que estão sussurrando nas sombras sobre nós neste exato momento. Só que desta vez elas estão certas.

— Vá cumprir seu dever, Malvina. Foi adorável dançar com você.

Nik se curva em uma leve mesura, exibindo seus modos nobres sem qualquer sinal de desagrado nas feições.

Quando ele desvia o olhar, Malvina furtivamente me olha de cara feia, seu desdém tão claro quanto o medo de que eu esteja de fato falando a verdade. Ela não precisa dizer o que está pensando, nem vai; não se quiser voltar a dançar com Nik. Então, quando ele termina a mesura, ela apenas abre um sorriso treinado e executa a mais perfeita reverência antes de sair correndo em um borrão de cabelos dourados e propósito.

Nik se curva ainda mais para mim como se eu fosse sua nova pretendente, a juba negra brevemente obscurecendo seus olhos pretos como carvão.

— Poderia me conceder o restante da dança, minha dama?

Meus lábios se curvam em um sorriso ao mesmo tempo em que minhas pernas se dobram automaticamente em uma reverência educada. *Minha dama.* Por melhor que seja ouvir essas palavras, é só o que basta para que eu receba a ira de todos no barco. Para eles, eu não passo da filha do pescador da realeza abusando da bondade do príncipe, tirando proveito de sua posição social. Ninguém acredita que somos apenas amigos, como sempre fomos, desde que usávamos fralda. Antes de eu saber quem eu era e de ele saber quem deveria ser.

— Mas é claro, príncipe herdeiro Niklas.

Nossos olhares se encontram, e ambos caímos na gargalhada. A formalidade nunca combinou conosco, apesar do treinamento de Nik.

Nós nos posicionamos e começamos a valsar pelo convés. Ele se mantém a uns trinta centímetros de mim, mas é experiente em se aproximar; sussurros são, volta e meia, nosso meio de comunicação mais conveniente.

— Você demorou — diz, me girando ao som das últimas notas da música.

— Queria ver por quanto tempo você continuaria seco.

Ele dá um suspiro em meu ouvido, fingindo-se horrorizado, com um ligeiro sorriso.

— Você teria mandado seu melhor amigo nadar com as sereias no dia do aniversário dele?

— Ouvi dizer que são lindas; nada mau como presente para um jovem.

— Além de lindas, elas preferem que seus convidados não respirem.

Eu o encaro. Sinto um leve tremor na mandíbula. Hoje também seria o aniversário da nossa amiga Anna. Ainda é, mesmo que ela não esteja mais para celebrá-lo. Ela era exatamente um ano mais nova que Nik. Nós três levamos um bom susto naqueles tempos, como se a grande e poderosa deusa Urda nos quisesse só para si. Mas perdemos Anna. Olho para baixo, sentindo lágrimas quentes mesmo quatro anos depois. Nik suspira e afasta um cacho de cabelo do meu rosto. Espera até eu finalmente erguer o olhar. Um sorriso suave brinca nos seus lábios, e sei que ele se arrepende de nos tirar de um clima alegre para outro tão pesado.

— Bem, obrigado por me salvar, Evie. Como sempre.

É uma boa tentativa de mudar de assunto, mas não basta; e ambos sabemos disso. Respiro fundo e olho para trás de Nik, não confiando em mim mesma para falar. Engulo em seco e tento me concentrar na festa. Tudo foi emprestado para a celebração de Nik — o barco, o hvidtøl liberado, a banda, os dois empregados e o homem do carvão —, e está lindo. Observo os

lampiões em miniatura pendurados ao redor do convés, a luz refletindo na costura dourada no meu único vestido de festa.

De repente, Malvina se joga em cima da mesa de sobremesa, ainda tentando freneticamente controlar a bolha crescente no bolo. Espero que Nik gargalhe, ou ao menos abafe uma risadinha bem nobre, mas ele está olhando por cima do meu ombro, a bombordo, para o mar. Olho para o mesmo ponto, e meu coração dá um pulo quando distingo uma escuna em movimento e a silhueta familiar de um garoto — um homem — ajustando a vela.

— Iker...

O nome escapa dos meus lábios em um suspiro antes que eu consiga evitar. Encaro Nik, sentindo as bochechas corando.

— Eu não sabia que ele viria — digo.

— Nem eu. — Nik dá de ombros e ergue a sobrancelha antes de completar: — Mas Iker não é exatamente do tipo que confirma presença. Ele faltou a essa aula na escola de príncipes. E também a que ensinava a chegar na hora.

— Acredito que chamam isso de “atraso elegante”.

— É, bem, suponho que eu não teria como saber — responde Nik com uma risada.

A pequena escuna se aproxima, e vejo que Iker está sozinho; não trouxe uma tripulação da baía de Rigeby. Não que eu esperasse isso. Ele é um pescador castigado pelo sol preso em uma vida feita para seda e caviar. Iker direciona a vela principal com perfeição, seus músculos se contraindo quando ele aponta para a silhueta do primo.

Nik se aproxima do meu ouvido.

— Lá se vai minha parceira de dança.

Eu soco seu braço.

— Quem disse?

— Ninguém, mas eu sei como você olha para ele desde que meu bolo tinha dez velas a menos.

Reviro os olhos, mas não consigo impedir um sorriso nos lábios. Ele tem razão em certo nível, apesar de agora não ser o melhor momento para argumentar que meu olhar para Iker passou de fraternal para outra coisa há uns quatro anos, e não dez.

Eu pigarreio e digo:

— Tenho certeza de que Malvina não vai se incomodar... Ela está terminando de ajeitar o bolo.

Aceno para a monstruosidade azul, mas sem desviar nem uma vez os olhos de Iker conforme ele se prepara para jogar uma corda para o navio.

Nik me abraça com mais força e sussurra outra vez:

— Você é uma amiga tão encantadoramente leal.

— Sempre fui. Sempre serei.

— Uma bela verdade. — Nik sorri antes de acenar com o longo braço e exclamar: — Ora, se não é o príncipe herdeiro da baía de Rigeby!

— E eu torcendo para pegar você de surpresa — disse Iker, rindo. — Suponho que não seja possível surpreender um marinheiro atento em seu próprio barco.

Nik gargalha, com a postura ainda mais ereta.

— Não se eu estiver virado para o lado certo.

Iker ri ainda mais. Ele tem sal no cabelo e alguns dias de barba por fazer no maxilar forte, mas atravessa o convés da escuna a passos largos com a elegância de um príncipe. Ao olhar para mim, deixa transparecer um toque de dúvida em relação à robustez da minha silhueta, mas joga a corda mesmo assim. Eu a pego e amarro com um nó que aprendi com meu pai.

Iker se içã para o navio com ajuda da corda, aterrissando no pequeno pedaço de convés entre Nik e eu. Atrás de nós, uma multidão se juntou.

— Feliz aniversário, primo.

Com olhos risonhos, Iker dá um tapinha nas costas de Nik e o puxa para um abraço, envolvendo totalmente a forma esbelta-porém-forte de Nik com os braços bronzeados.

Quando se soltam, o olhar de Iker vêm imediatamente na minha direção. São de um azul cristalino; como gelo antigo nos fiordes do norte.

— Evelyn — diz, ainda mantendo um ar de formalidade de sua criação, mas então rompe todas as expectativas ao me puxar para um abraço.

Fico paralisada, olhando para Nik, que, assim como todos no navio, me encara. Iker não parece notar ou se importar e me puxa com mais força, me abraçando pela cintura. Seu corpo quente do trabalho naval cheira a sal e limão. A camisa está respigada de gotinhas de água, como ônix no tecido cinza engomado; a marca deixada pelo mar.

O momento acaba, e ele me solta, mas deixa um dos braços por alguns instantes a mais nos meus ombros. Tento ignorar a pergunta que me perturba, a mesma que com certeza todos estão fazendo. *Por que eu?* Nós nos conhecemos desde crianças, mas ele nunca demonstrou esse tipo de afeto antes. Não sou o tipo dele. Não sou o tipo de *ninguém*. Mesmo assim, Iker

continua agindo como se fosse tudo completamente normal. Ele se vira para Nik, para a multidão, e abre aquele sorriso perfeito.

— Caro povo de Havnestad — diz, a voz autoritária porém sincera.

Seu sorriso cresce ainda mais.

— Vamos proporcionar ao príncipe uma celebração tão calorosa que ele nunca vai esquecer.



Sinto como se estivesse vivendo um sonho.

Ainda quente do abraço forte de Iker, giro pela pista de dança nos braços dele.

Tentei dizer que não deveríamos, mas ele não quis me ouvir.

— Deixe que falem — disse.

Se ao menos soubesse o que já falavam...

Vejo os olhos de Malvina me seguindo. *Sim, Malvina, é assim que as pessoas ficam quando dançam sem temer pela própria vida.* Mas tento não pensar nela. Quero me lembrar desse momento, até os mínimos detalhes. Tudo nele cai bem como couro amaciado e musselina bem-cuidada. Suas mãos são ásperas e maltratadas pelo mar, mas têm suavidade, seu polegar delicadamente acaricia o meu.

Minhas fantasias de 12 anos nunca tiveram tantos requintes: eram basicamente eu em um belo vestido roxo, e Iker, em seu traje real, de mãos dadas em um passeio pelos jardins do palácio. A realidade é tão diferente, tão intensa, que não tenho certeza de que estou lidando bem com ela. Sei que não

estou. Será que ele sente a palma da minha mão suando? Meu coração batendo forte contra o peito dele?

— Eu vi você do meu convés, sabe — sussurra Iker no meu ouvido. — Antes de subir a bordo. Nunca esteve tão bonita, Evie. E eu nunca tinha implorado aos deuses para empurrarem meu barco tão rápido.

Eu não sei o que dizer, minha voz está presa na garganta. Então só olho ao redor, tentando organizar os pensamentos. O sol já se pôs, seus últimos feixes de luz partindo com nossos pratos, com pressa e tinindo minúsculos ossos de codorna, rabos de bacalhau, ervilhas e folhas de morango. E, por mais que todo o convés do navio ainda esteja iluminado por um círculo de lampiões em miniatura, a sombra basta para quase nos sentirmos sozinhos.

Apenas um garoto, uma garota e o mar.

A música acaba, e ele me abraça forte. Quando me afasta, passa os dedos pelo meu queixo.

— Eu não deveria ter ficado tanto tempo longe de Havnestad — diz, segurando um dos meus cachos. — Você tem o mesmo cabelo desde pequena.

Ele me encara.

— Os mesmos olhos de noite estrelada.

Eu me esforço para não olhar para minha mecha de cabelo levemente enrolada em seus dedos. Mordo o lábio para silenciar um suspiro. Seus dedos enrolam mais meu cacho. Ele parece quase não saber o que está fazendo; esse garoto feito de sorrisos e gestos tão grandes traduzidos por gestos tão singelos que lhe escapam.

Iker volta sua atenção para os integrantes da banda, que formaram um círculo ao redor de um banco onde alguém começou a tocar uma guitaren.

Mesmo não vendo o músico, os dedilhados claros e precisos entregam que se trata de Nik. Ele sempre foi do tipo que pega qualquer instrumento e, na mesma hora, aprende a tocá-lo perfeitamente, desde que éramos crianças. Está tocando a música que eu cantava bem pequenininha no cais, para desejar uma boa pesca ao meu pai. Nik dizia que sempre ficava grudada na cabeça dele.

Iker solta o cacho.

Pigarreia.

Ajusta o corpo afastando-se de mim.

Acabou. Eu sei. Talvez fantasias sejam destinadas a se tornar realidade apenas por um momento. Com certeza um truque dos deuses.

Olha para a banda por um instante longo demais e quando volta a falar seu tom é diferente.

— Evie, eu adoro visitar Havnestad, mas não gosto de pisar no calo do meu primo.

É a vez da minha voz ficar estranha. *Por que Nik tinha que tocar essa música?* Engulo em seco.

— Mas você não está pisando em nada — digo, torcendo para que ele não perceba a súplica em minha voz. — Além disso, não acho que Nik se incomodaria em ver você mais vezes, e *vai* ter o festival Lithasblot em poucos dias.

— Ah, sim, quando vocês todos ficam doidos por Urda, jogam pão em qualquer um que não tenha queixo duplo e correm em círculos até desmaiarem.

— *Vocês* todos? — repito, lhe dando um soquinho.

Iker pode até ser do outro lado do estreito, mas é um Øldenborg tanto quanto Nik. A família deles governou a Dinamarca e a Suécia por quatrocentos anos. Eles sabem melhor do que ninguém que não se deve fazer pouco caso da colheita que a deusa nos concedeu.

— Não faça piada com os jogos. Nós os levamos muito a sério.

— Ah, sim, um jogo de vida ou morte no qual se carrega a pedra mais pesada por aí.

— Ou corre pela extensão de um tronco. Só habilidades úteis — digo, rindo, feliz por ter aliviado o clima de novo.

— Se eu ficar para esse espetáculo extravagante do Lithasblot, precisa me prometer que vai cambalear em cima de uma árvore recém-assassinada para meu entretenimento.

— Se for essa a condição, eu prometo — respondo, me abaixando em uma falsa reverência.

Uma risada escapa dos meus lábios, mas a atenção de Iker está congelado no meu rosto. Quase como se não conseguisse se controlar, ele volta a roçar o polegar na minha bochecha, descendo pelo meu maxilar até a boca. Seu toque faz meu rosto corar enquanto encaro aqueles olhos azuis glaciais.

— Iker, eu...

— Caaaaaaaaro povo de Havnestad!

Viramos de repente quando a voz de Nik ressoa por todo o navio. Ele ainda segura a guitaren, mas agora usa uma coroa enfeitada com fatias de limão enfiada sobre sua cabeleira ondulada. Um grande sorriso repuxa suas bochechas, e seus braços estão erguidos bem no alto. Na verdade, está fazendo

uma bela imitação não intencional de Iker, mesmo que apenas depois de algumas canecas da cerveja especial do rei Asger.

— Como seu príncipe herdeiro, estou expedindo um decreto real para que cantemos *para mim* nesse evento, o 16º ano da minha vida.

— Salve, SALVE — grita Iker, seguido pelo resto da multidão, que de repente voltou à minha visão periférica.

— Excelente. Ruyven já mandou o sinal para os fogos de artifício. Mas antes, uma can...

Nik para subitamente quando uma das mãos fortes de Malvina o puxa para baixo, deixando os lábios dele na altura de seus lábios. A outra mão gesticula para trás, apontando para o bolo. Nik volta a se erguer devagar e ajeita a guitaren.

— A adorável dama Malvina me informou de que estamos com falta de velas.

Nik aponta o braço do instrumento para mim, ainda com a voz grossa de formalidade forçada.

— Evelyn? — diz, erguendo a sobrancelha.

Eu faço o mesmo.

— Vamos lá, sei que sabe onde elas estão.

E sei mesmo. Exatamente no lugar onde Nik as deixou quando pegou o barco do rei “emprestado” para o primeiro dia quente depois de um longo inverno repleto de gelo.

— Sim, eu sei, caro príncipe.

Por mais que não queira sair de perto de Iker, eu me afasto, seu calor se detendo à minha pele por uma fração de segundo ao nos separarmos. Puxo

um lampião pendurado mais baixo na linha do convés e me afasto da multidão.

Com as botas ressoando nos degraus, entro nas instalações do capitão, abaixo do convés. O espaço é muito mais amplo do que qualquer coisa que deveria pertencer a um capitão; quase maior do que a casa que divido com meu pai e *tante* Hansa. O pequeno lampião se esforça para acompanhar a vastidão, criando um círculo de luz que ultrapassa por pouco a barra do meu vestido de festa. É um tanto irritante.

Olho a escada e confirmo que estou sozinha; ninguém veio atrás de mim. De costas para a porta, enfio uma das mãos no lampião. Palavras antigas suavemente murmuradas escapam dos meus lábios enquanto meus dedos pinçam a ponta da vela.

— *Brenna bjartr aldrnari. Brenna bjartr aldrari. Pakka Glöð.*

A vela começa a brilhar com a força de um fogo três vezes maior.

É um pequeno ato; tão sutil que eu provavelmente poderia ter realizado diante de todos lá em cima. Mas mesmo algo tão banal quanto um feitiço de fortalecimento é perigoso por aqui.

Mulheres queimaram por muito menos sob o comando dos Øldenbúrg no passado.

Meus parentes queimaram por muito menos.

O que significa que há coisas sobre mim que Nik e Iker nunca poderão saber.

Além disso, já corri um risco esta noite quando silenciosamente instiguei o bolo de Malvina a inchar sua cobertura açucarada. Não tentava algo do tipo desde que era criança, mas funcionou bem. Fortalecer a vela em público já

seria contar demais com a sorte, que nunca esteve muito ao meu lado para início de conversa.

Agora a luz está mais do que suficiente. Avanço com suavidade pelo espaço vasto até um par de cadeiras sob uma das escotilhas do estibordo, um tabuleiro de xadrez pintado no tampo da mesa de carvalho entre elas.

Eu tinha visto Nik entulhar o estoque extra de velas do navio na gaveta daquela mesa quando o ajudava a limpar as evidências de sua social-do-tempo-quente. Não que seu pai não soubesse da nossa pequena celebração — desonestidade nunca caiu bem na mente nobre de Nik —, ele só não quis dar mais trabalho para a equipe do porto do castelo.

Com velas resgatas e fósforos em mãos, pego o lampião e me viro para a porta. De repente, pelo canto do olho, distingo dois clarões, uma explosão de surpresa azul e branca. Eu volto para o ponto onde há um pequeno halo de luz do lado de fora da escotilha.

Meu coração dá um salto e paralisa quando me dou conta de que não conheço nenhum peixe com marcas como aquelas.

Como olhos humanos.

Sentindo os pulmões me implorarem por ar, ergo o lampião para a escotilha, com a mente revirando em uma contagem de todos a bordo do navio. Sim, todos estavam lá quando desci a escada.

No entanto, quando o círculo de luz se aproxima do vidro grosso, eu me deparo com olhos amigáveis de um azul profundo emoldurados por pele luminosa, ondas loiras escurecidas pela água e lábios semiabertos em uma expressão choque.

— Anna?

Porém, no instante em que digo seu nome na cabine úmida, o rosto desaparece, me deixando apenas o índigo profundo para encarar.

Meus pulmões relaxam e inspiram uma enorme lufada de ar enquanto corro para a escotilha seguinte, repetindo o nome dela, ofegante. Mas não há qualquer sinal de seu belo rosto naquela janela ou nas duas outras.

Fico parada no meio da grande cabine do rei, o coração disparado e os pulmões queimando enquanto um forte soluço escapa dos meus lábios. Lágrimas brotam dos meus olhos no momento em que percebo que, mesmo com a amizade fraterna de Nik e a recente afeição de Iker, continuo sendo apenas a filha solitária de um pescador.

A filha solitária de um pescador desejando poder ter minha querida amiga de volta. Desejando tanto a ponto de ver fantasmas.

Desejando tanto a ponto de enlouquecer.



Enxugo as lágrimas, ainda segurando as velas e os fósforos com firmeza. Respiro fundo algumas vezes e me obrigo a passar pela porta e a subir a escada com as pernas pesadas feito chumbo.

— A cara dama voltou com as velas! — grita Nik quando me vê, cantarolando no ritmo da guitaren.

— E os fósforos, meu príncipe — digo, minha voz muito mais estável do que eu julgaria possível.

— Minha querida Evie, sempre salvando o príncipe de sua falta de organização.

— Alguém precisa fazer isso, primo — diz Iker, rindo e se levantando enquanto Malvina tira os itens de minhas mãos.

De imediato, ela começa a se mexer energicamente atrás de Nik, perfurando as belas camadas de fondant com as extremidades grossas das velas. Nenhum agradecimento, mesmo que, se eu fosse qualquer outra pessoa, suas boas maneiras exigissem que ela expressasse certa gratidão.

Nik começa a música antes que todas as velas estejam acesas. Sua voz se sobrepõe a de todos, inclusive a de barítono de Iker. Como sempre, só mexo a boca, acompanhando a letra — minha voz para cantar foi destruída no dia em que perdi Anna. *Tante* Hansa alega que tenho sorte por só ter perdido isso para o mar. Nik mantém os olhos fechados, nem sequer se vira para o bolo enquanto as chamas tremeluzem e bruxuleiam atrás dele, manipuladas por um forte vento vindo das profundezas do estreito de Øresund.

Meu olhar segue o vento até a escuridão distante. Logo além das ondulações deixadas pelo barco, o céu índigo se torna negro, com as bordas irregulares de uma linha raivosa de nuvens se aproximando em um ritmo furioso.

— Iker — digo.

— ... *Hun skal leve højt hurra...*

Nik canta a última frase da tradicional música de aniversário e se vira para soprar as velas, abrindo os olhos no mesmo momento em que os primeiros fogos de artifício são disparados na praia. Clarões brancos e vermelhos atravessam o céu em uma sucessão veloz, iluminando Havnestad e o arco de montanhas que circunda os limites da cidade.

— Iker — repito, ainda olhando para as nuvens ameaçadoras.

Ele se vira, a mão firme ao redor da minha cintura, e eu aponto para a tempestade bem no momento em que um raio atinge a água logo além dos limites do porto.

Um brilho de reconhecimento se acende nos seus olhos quando o rapaz lê a distância entre a chuva e o navio.

— Tempestade! — grita ele, uma trovoadas cortando o final da palavra.
— Todo mundo para baixo do convés! Agora!

Mas, é claro, nossos convidados se viram para a tempestade, e não para o lado oposto, a curiosidade humana derrotando a segurança. Iker, Nik e eu nos apressamos quando as primeiras gotas grossas de chuva caem no convés.

Nik começa a conduzir a multidão para o subsolo. Iker está no timão, tentando virar o navio para o porto depois de mandar o antigo piloto — o homem do carvão — para o porão a fim de alimentar o motor a vapor.

A chuva já está caindo aos borbotões, e o navio oscila quando subo a escada para a popa. Agarro-me à balaustrada. Não posso fazer nenhuma mágica em público para interromper a tempestade, então fico grata por ser o sal do mar e a filha de um pescador. Aqui, sou extremamente útil.

Trovões ressoam, graves e intensos, bem acima das nossas cabeças. As velas dos bolos e os lampiões foram apagados pelo vento tempestuoso, e fico agradecida quando um relâmpago explode no céu por tempo suficiente para me mostrar a cena.

Iker guiando o barco na direção certa, com o pé travado no chão e os músculos retesados.

Nik marchando escada acima depois de trancar a porta do porão, sua coroa de limões oferecida como alimento ao mar pelo vento fustigante.

O bolo tombado e afundado para o lado graças a uma guinada do barco para estibordo.

Outro trovão ressoa quando alcanço Iker e o ajudo a segurar o timão. Ele é forte o bastante para girá-lo sozinho, mas a rota do barco fica notavelmente mais reta com minha ajuda.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Bruxa do Mar"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).